

O EQUILIBRIO



São todos a puxar a ver se pregam com elle em terra, sem se lembrarem que cada um puxa para seu lado, do que resulta darem-lhe mais estabilidade — como succede aos mastros que, tanto mais se firmam, quanto mais esticadas estão as espias.

Por ahí...



Ha muito tempo que a moda franceza se introduziu e alastrou entre nós, avassalando todos os habitos nacionaes.

Vem de longa data essa introdução; já os nossos avoengos rendiam culto ás coisas da França, mas faziam-n'o moderadamente, delicadamente, como quem se arreceia de escandalisar as patrio-tradições.

Foi depois da invasão franceza—em regimentos—que abertamente se produziu entre nós a invasão franceza—em *toilettes*.

Pode até induzir-se que os francezes que nos invadiram não eram soldados: eram *communis-voyageurs*.

Com a guerra franco-purcicana succedeu precisamente o contrario:

A França ganhou tal odio ás cousas da Allemanha que o fabricante allemão tem de apresentar os seus productos como de procedencia americana, ingleza ou belga, para assim os introduzir subrepticamente no mercado francez!

Pois comosco dá-se então o caso do industrial portuguez ter de chrismar os seus artigos como artefactos parisienses afim de os impingir á freguezia nacional!

E tudo isto, repetimos, mais accentuado depois das invasões francezas.

Decididamente o Junot não era tão feio como se pinta, nem os soldados de Napolcão tão selvagens como se diz...



O certo é que o francesismo nos invadiu todos os habitos, quer na acepção dos habitos com que nos vestimos, quer nos dos habitos porque nos gerimos.

Dê o leitor uma vista d'olhos ao seu fato, á sua casa, á uma familia, e verá como tudo é francez!

O seu escriptorio está cheio de litteratura franceza; a sua sala repleta de *bilelots*, francezes; o seu quarto de cama tem um leito de mogno á franceza; a uma *retrete* é franceza até no nome; o seu *toilette*, item; a sua cosinheira, se é boa, enche-o de *saucés* e *patés* francezes; a sua esposa, se tambem é boa, enche-se de *tournares* francezes; os seus filhos, finalmente, veem de França n'uma condeça e começam a vida escorropichando um *biberon* francez!



Pois todo esse francesismo parece ter declinado ultimamente, cedendo o passo á moda ingleza!

Será resultado da recente invasão dos inglezes, que andaram por ahí despejando garrafas, partindo copos, esmurrando policias e vomitando pelas ruas?

Não podemos assegurar-o, mas o que é evidente é que Lisboa tem nos ultimos dias adquirido a linha ingleza.

Abriamos parenthesis para explicar ao leitor que a *linha ingleza* é tudo quanto ha de mais corrente e inalteravel, excepto quando se trata de desembarque em terra vinhateira, porque então, a sobredita linha, sendo aliás sempre a mesma, toma contudo trez feições distinctas pelo decorrer do dia.

De manhã, ao desembarcar, a *linha* é esta:



Ao meio dia, depois de molhar a palavra, é esta:



A' noite, finalmente, é esta:



E' evidente, diziamos, que Lisboa tem tomado a *linha ingleza*: e tem.

Temeroso da lama, acossado pelo frio, o indigena percorre as ruas em passo e caracter de inglez, calça arregaçada, *water proof* envergado, mãos nas algibeiras, batata avermelhada, e atravessando impavido, para nem lhe faltar o ultimo *sic*, esse nevoeiro intenso, verdadeiramente londrino, que ha uns poucos de dias nos não deixa ver um palmo adiante do nariz.

—Um nevoeiro que é pena não ser um queijo! dizia-nos Mendonça e Costa, que é doido por queijo londrino.

E aqui está porque nós não damos a chronica da semana: porque, se a teve, o nevoeiro não consentiu que lhe pozessemos a vista em cima.



SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

TRIGUEIROS DE MARTEL.—*A' borda do mar*.—*A crise franceza*.—Dois folhetos que amavelmente acabam de nos ser offerecidos.

O ultimo é accintosamente brochado em papel vermelho, como vermelha é a sua contestura.—Trata-se de republica.

O primeiro é calculadamente brochado em papel verde, como verde é o seu assumpto.—Trata-se da vida em Trouville.

Ambos nos agradam sinceramente:—a *Crise franceza* agora para o frio: *A' borda do mar* lá para o tempo dos banhos.

o

SENIOR JARDIM.—*Os ricos ou a feliz retirada.*—Um poemeto de meia duzia de estropæes, a que, se dê uma ou outra vez falta a metrificacão, sobeja entretanto a originalidade da ideia.

o

AURELIO SOBRAL.—*Album de debuxos.*—E' a publicação mais interessante e mais completa que, n'este genero, se acha editada. Querendo liquidal-a, resolveu o seu proprietario vender ao preço insignificante de de 1\$200 reis as poucas collecções que ainda existem no seu estabelecimento da travessa de S. Nicolau 91 a 93, e de que devem prover-se todas as senhoras de bom gosto.



N americana

Entre a gente mais distincta,
A gente fina da Baixa,
Hoje é moda que requinta
Marcar as cartas a tinta
Com carimbos de borracha.

O ministro mais selecto,
De gran-cruz, commenda e fava,
Qual se fôra analphabero,
Já não firma um só decreto
Sem carimbo de borracha!



Donzella, cujo cabelo
E' da côr da negra graxa,
Quando escreve ao meigo *ourello*,
Firma a carta, em vez de sello,
Com carimbo de borracha.



Tanto é moda já corrente,
Que até nos brindes se encaixa,
E entre nós ha muita gente
Que usa já dar de presente
Um carimbo de borracha.

Quanto noivo apaixonado
Que ao hymeneu se atarraxa
Não dará ao bem-amado,
Por presente de noivado,
Um carimbo de borracha!



Quem quizer, pois, sem trabalho,
Ser um *dandy*, dos de escacha,
Vá direito como um malho
Ao **A. J. S. Ramalho**
Dos carimbos de borracha!

49, RUA DA PRATA, 51

Salões, palcos e circos



Na noite de terça-feira ultima teve logar no salão Sasseti, á rua Nova do Almada, o garru musical organizado pelo notavel professor Thimoteo da Silveira e em que algumas discipulas d'aquelle distincto pianista deram prova do

seu alto merecimento, finalmente cultivado pela excellencia d'um methodo primoroso.

o

O theatro de D. Maria faz na noite de 25 reprise do *Grande industrial*, para a festa artistica de Carlos Posser, o distincto artista que se parece com a legendaria pescada que antes de o ser já o era, por isso que elle, ainda antes de ser *officialmente* artista, já o era de coracão, e como tal consagrado um sem numero de vezes e com um sem numero de applausos, pelo mesmo publico que hoje festeja o actor de profissão como entã festejava o amator dramatico.

o

Na noite de 31 festa no *Gymnasio*, em beneficio do actor Telmo, um rapazello a quem ha meia duzia de dias diziamos «cresça e appareça», e que effectivamente—e rapidamente—cresceu a ponto de estar hoje um homemzarrão e appareceu da maneira que se apresenta já um artista de se lhe tirar o chapen.

o

Em additamento ao que publicámos no nosso ultimo numero sobre a comedia *Os velhacos*, que se está representando em D. Maria, com perfeição inexcidível por parte de todos os artistas e côro de gargalhadas estrondosas por parte de todo o publico, damos hoje á estampa o vulto de Cesar de Lima, no momento de tirar o retrato—momento em que se torna, por todos os titulos, digno d'uma epopeia.



CIGANO E SALOIO



O Estado—eterno *saloi*—jura e rejeita que não hade cair n'outra, sempre que o *cigano* o embaça, mas afinal lá lhe vae parar às unhas, voltando a comprar-lhe por bom preço o burro escanzelado dos syndicatos ou a alimaria lazarenta das negociatas.

Os tenores



Os tenores francezes são como os pardaes: parecem-se todos uns com os outros. Aqui temos nós, por exemplo, o tenor Vergnet, que é o tenor Talazac — com outro nome.



O tenor Genari, como é italiano, não se parece com os outros — por escrupulos de nacionalidade.

Em merecimentos é-lhes superior, porque não só tem dedo para a arte, como tem ainda maior dedo... para matar pulgas.

Politica em bolandas



No parlamento tem havido este anno um verdadeiro caudal de eloquencia.

As afamadas cheias de 1876, que assolaram o paiz, podem considerar-se, em volume, muito inferiores a estas agora de 1888, que

estão inundando a representação nacional.

Diz-se até que sua magestade a rainha vae mandar distribuir pelas familias das victimas da catastrophe parlamentar alguns soccorros tirados do eterno *cofre* dos inundados. Bem haja!

Segundo o que vemos referido nos jornaes de todas as cores politicas, não ha um unico illustre pae da patria que durante a curta sessão parlamentar que ainda vae em principios não tenha já aberto os diques a torrente impetuosa da mais extraordinaria eloquencia!

Todos tem dado á lingua, incluindo mesmo alguns que nós sempre reputamos desprovidos d'aquelle orgão-badaleiro!

Tem havido indignações sagradas, frases esmagadoras, apartes incisivos, interpeilações vehementes, todo o repertorio, em summa, da eloquencia parlamentar mais completa!

Um parlamento de Ciceros, em que sobrelevou, entretanto e cá para nosso gosto, o sr. António Maria Cicero de Carvalho.

Esse sim, que é um Cicero alegre, jovial, pandego, reinadio, que tem piadas a fazerem estalar de riso, e folego de gato e réplica de revolver de seis tiros, com que responde de seguida pas! pas! pas! pas! pas! pas! a todos os apartes que simultaneamente lhe desfecham.

Só d'uma vez o vimos quasi succumbido; mas não admira, visto elle completar n'esse dia o seu 43.º anniversario natalicio e estar portanto naturalmente preoccupado com o lombo de poreo que mandara assar no forno e a que o mais pequenino descuido podia seccar o molho e deixar as batatas em carvão.

Tambem, foi franco! Ao ver-se mais violentamente acoessado pelos apartes da opposição, fez pausa aos seus humorismos galhofeiros, tomou um aspecto grave e, com a voz tremula e a lagrima ao canto do olho, fallou solemnemente aos seus adversarios:

— Eu peço á camara que me poupe aos seus ataques e solicito toda a sua benevolencia, porque tive hoje a desgraça de fazer 43 annos!

A camara aproveitou a occasião para lhe dar os parabens, lastimando não ter lido n'esse dia o *high-life*

do *Illustrado* e soube comportar-se com a benevolencia que a todos dev. merecer um anniversario natalicio, com lombo de porco assado em prospectiva.



Vivendo, como vivemos, n'um paiz de imitadores, e de suppor que vá desenvolver-se agora no parlamento este processo inaugurado pelo sr. Antonio Maria de Carvalho, e mediante o qual se pode captar a benevolencia da camara, trazendo os acontecimentos do seio da familia para o seio da representação nacional.

Logo que aquelle illustre deputado conquistou a benevolencia por ser o dia do seu anniversario natalicio, não ha razão para que todos os seus collegas não conquistem a mesma coisa, quando tragam á discussão os seus acontecimentos intimos.

Assim, por exemplo, o deputado Esperidião está sofrendo os apartes d'uma opposição atribiliaria; para se ver livre d'elles não tem mais de que declarar á camara:

— Meus senhores! minha sogra, minha infeliz sogra, estava a morrer hontem á noite...

— Que feliz! que feliz! que feliz! berram os adversarios.

— Mas hoje amanheceu consideravelmente melhor, continua o orador, e o facultativo diz que ainda escapa d'esta...

— Coitado! coitadinho! observa a opposição; respeitamos a sua dor...



Um presidente de conselho acaba de ouvir a mais vigorosa das interpellações.

Quer responder mas não sabe o quê. Tem a lingua intaramellada, a bocca secca, a garganta apertada. A situação abana, o governo periclita...

— Senhores deputados da nação portugueza! diz o infeliz presidente; tenho a honra de levar ao conhecimento de vv. ex.^{as} que a sr.^a presidenta do conselho, minha muito amada esposa, teve hoje ao meio dia e tres quartos uma robusta criança do sexo masculino! E a opposição, benevolente, abranda logo os seus rancores, correndo solicita a inquirir do feliz papá se o recém-nascido não é quebrado, nem marreca, se a ama é de primeiro leite e da provincia; e todos os adversarios se apressam em apresentar ao presidente do conselho os seus parabens, para que os transmitta á illustre parturiente, sendo de erer que muitos lhe offereçam até caixinhas de caruncho, para o tratamento umbilical do robusto recém-nascido...



Consta-nos que hontem, na camara dos pares, o sr. bailio applicou as iras d'um adversario sanhudo, com a seguinte declaração — pelo processo Antonio Maria de Carvalho:

— Peço a benevolencia do digno par, attendendo a que eu hoje, de manhãzinha, fiz 54 annos e o meu groom fez 15 — Ao todo, fizemos 69...

N nebrina

D. Fausta Gil de Pina
— De cincoenta annos de idade —
Foi n'um dia de nebrina,
Co'a criada, que é ladina,
Dar um giro na cidade.

Tendo vindo de S. Bento
Té á Baixa, esbaforida,
Resolveu cobrar alento
E. p'ra tal, tomou assento
N'um dos bancos da Avenida.

E' de erer que p'lo carreiro
De *beton* passasse alguém;
Mas o expesso nevocero,
Mais escuro que um tinteiro,
Não deixava ver ninguem!

N'isto, das bandas de cima,
Chega enfim alma christã,
Que do banco se aproxima
Perguntando — E's tu, ó prima?
E a criada toce: — Han! han!

Mas, dá nevos o expesso veu,
Não permite vêr-se nada:
E o tal vulto, o chichisbeu,
Ao sentar-se — pae do ceu! —
Toma a ama p'la criada!...

Não dado a coisas platonicas
Breve o vulto deixa ver,
Em frases mais que laconicas,
Ser dos que dizem as chronicas
«De antes quebrar que torcer...»

Tal como a pobre pyrausta,
Que as azas queimou na luz,
Do longo passio exhausta,
Suspirava a D. Fausta,
De volta a casa: — ai! Jesus!

Desde então, quando desperta,
E' seu primeiro cuidado
Olhar p'la janella aberta
P'ra saber logo p'la certa
Se ha nevocero cerrado

E, se o ha, Fausta de Pina
— De cincoenta annos de idade —
Vae, bendizendo a nebrina,
Co' a criada, que é ladina,
Dar um giro na cidade...

Jan. Tavares



CONTOS EM BRANCO

O BRINDE

I



II



III



IV



V



VI



VII



VIII



EXTRA DO
Folheta de Billa